



O espaço de representação e as representações do espaço

André Amaral

O texto analisa a reciprocidade existente entre a construção da noção espacial como representação e sua influência direta sobre a construção da realidade, em um ciclo contínuo de relações dinâmicas. Por meio da discussão de alguns aspectos não evidentes ou consumados sobre o espaço como categoria, pretende questionar qual o limite existente entre realidade e representação na discussão espacial.

Representação; espaço; linguagem.

O espaço como construção (o problema ontem)

Historicamente, poderíamos retrair o embate do homem com o espaço como uma das mais antigas preocupações responsáveis pela sobrevivência da espécie, já que sempre foi urgente e necessário à espécie humana desenvolver uma forma de organizar o sentido de um mundo exterior "caótico" que pudesse ser integralmente apreendido pelos sentidos, sob pena do custo da própria vida. Seja caçando, fixando-se em abrigos ou desenvolvendo a agricultura, o problema essencial do desenvolvimento da espécie humana sempre esteve ligado à necessidade de domínio, construção e inserção em um espaço próprio, que servisse para distingui-la por sua própria habilidade (a capacidade de raciocínio abstrato) dos outros animais, para que esse "esforço" adaptativo empreendido pelo homem (esse animal cuja única especialização é o cérebro racional com sua capacidade de pensamento) desenvolvesse ao longo da história a lenta construção desse espaço "autônomo" de atuação.

Ainda que esse novo espaço dependesse da elaboração de uma forma de estruturação da percepção desenvolvida a partir das observações de seu meio (preponderantemente audiovisual e, portanto, essencialmente "abstrata"), essa noção de um espaço "construído" criava

uma nova distinção do próprio "espaço natural" em que o homem se encontrava inserido originalmente.

Quando o primeiro caçador, pela utilização de novos elementos alheios a sua atividade de caça diária (como pigmentos, gomas, carvões, etc.), fixa sobre as paredes do fundo das cavernas a imagem de um animal que pretende abater ou dominar, com o intuito de garantir seu êxito pela apropriação da imagem do animal que irá alimentá-lo e, portanto, garantir sua sobrevivência e a de seu clã, talvez encontremos aí o primeiro grande momento na ruptura dessa homogeneidade espacial natural.

A partir da atitude desse caçador-artista-feiticeiro inaugura-se, portanto, essa primeira distinção espacial sob uma forma inacessível a animais de outras espécies: a criação de uma linguagem e de um espaço pelo desenvolvimento da capacidade de raciocínio abstrato, servindo como mediador na elaboração consciente de representações para a apreensão e construção de uma determinada realidade. Em seu estágio pré-fala, a imagem possuía inicialmente a função de comunicar algo a outros homens a partir da "duplicação" realizada pela habilidade desse artifice, que em torno de si aglutinava outros membros de sua tribo e compartilhava com eles certos conhecimentos por meio dos

"códigos" expressos pelo sentido presentes nessas imagens, gerando um novo espaço dentro da realidade e distinto do contexto natural inicial.

A partir daí, a difusão de tais conhecimentos pela linguagem permitirá ao homem desenvolver com mais eficácia a organização de novas estruturas (ou espaços), que serão influenciados (e influenciarão) em sua organização social e sua compreensão da realidade, permitindo o desenvolvimento desse novo espaço de identidades para além dos laços de parentesco, já que esse "espaço construído" (a partir da capacidade de abstração proporcionada pelo raciocínio lógico) se tornaria a mola-mestra no desenvolvimento cultural dos povos e de seus intercâmbios dentro de determinados espaços. Ao mesmo tempo, esses homens em sua nova realidade espacial tornam-se "senhores" dessa natureza indistinta em que, inicialmente, se encontravam inseridos em um mesmo nível que os outros animais.

Os abrigos cedem lugar a construções, que por sua vez se organizam em tribos, que se tornam vilarejos, que formam cidades organizadas em estados, que se tornam nações, em um período de tempo relativamente curto (se o compararmos ao estágio anterior do desenvolvimento dos primatas até o surgimento dos hominídeos e, posteriormente, do *Homo Sapiens*). Habitando locais diferentes daqueles dos animais a partir da distinção e especialização do espaço (as construções), realizando atividades a partir da observação do meio (caça e agricultura) e fortalecendo sua identidade pela comunhão de conhecimentos (a linguagem) temos já, desde as mais remotas eras, a criação da percepção de uma realidade espacial autônoma, que determinará socialmente, a partir de então, o desenvolvimento gradativo do que poderíamos definir como os "espaços de representação e as representações do espaço".

A necessidade de sobrevivência humana, portanto, desenvolve-se a partir da consciência da necessidade de ruptura dessa homogeneidade espacial primitiva, onde

desenvolvimento gerado pela forma de relação com a construção de uma dinâmica do espaço pode ser mais bem compreendido pela definição dada por Henri Lefébvre, quando, de forma sucinta, expõe esse processo em linha gerais, definindo-o a partir dos seguintes tópicos:

"a prática espacial, os espaços de representação e as representações do espaço (...)".

Em seguida, explica cada uma dessas abordagens segundo noções advindas e exercitadas dentro da realidade social e cultural do espaço, definindo-as em:

O espaço concebido ou as representações do espaço, como sendo "aquele em que se espelham as relações de produção, de ordem de conhecimentos, de signos e de códigos que formam o espaço, determinando sua vivência e permitindo sua reprodução indiscriminada em qualquer terreno. É o espaço dominante em uma sociedade, tendendo a se tornar um sistema de signos". Em seguida prossegue identificando o espaço vivido ou os espaços de representação, como sendo formado por simbolismos nem sempre codificados pelas pessoas que o vivem; é o lado "subterrâneo" do tecido social, repleto de signos e modos de se apropriar dos objetos que são próprios de seus habitantes, tendo como centro o ego, a moradia. É o espaço em que ocorrem os conflitos cotidianos, mas que não podem se sobrelevar às representações do espaço, sendo o espaço vivido de uma frágil liberdade perante o espaço concebido. Finalmente a prática espacial permite a formação lenta de lugares específicos dentro do espaço, onde a sociedade secreta seus valores, dominando e se apropriando de certos espaços, assegurando a continuidade e a coesão social. Não se definindo como um sistema em si, nem pela adaptação a um sistema, é ela que permite que o espaço "se dramatize, graças às energias potenciais dos grupos diversos que transformam pelo uso o espaço homogêneo".

O espaço como linguagem (o problema hoje)

Percebemos, portanto, de que maneira seria possível entender como essa distinção (gerada pela necessidade de o homem diferenciar-se da natureza a partir da definição de um espaço próprio) deu início ao desenvolvimento de estruturas organizacionais (e espaciais) maiores, tais como a família, a língua, a cultura, o contexto social, geográfico, etc., estabelecendo a partir daí formas diversas de compreensão e de relações entre os indivíduos, dentro de um âmbito definido. A noção espacial abstrata (desenvolvida através da percepção) ou mesmo a criação concreta de um espaço são e serão sempre profundamente dependentes das relações estabelecidas pela convivência, pela manutenção ou pela quebra dos modelos de inserção no espaço, vividos nos mais diversos âmbitos da existência humana (geográfico, político, econômico, existencial, etc.).

Na tentativa de analisar as questões concernentes à construção da realidade a partir de sua relação com o espaço, esbarraremos na dificuldade de determinação de uma abordagem única, que reduzisse e simplificasse a inevitável vastidão do assunto, que, por sua própria abrangência e indefinição, faz com que Fábio Duarte em seu livro *Crise das matrizes espaciais*, ao analisar a realidade espacial, defenda a idéia de que não exista

"... uma lógica absoluta do espaço, sequer a lógica de um espaço absoluto, e sim que o espaço é construído na relação entre três partes: os objetos, as ações e os seres humanos – que agem diretamente sobre os objetos ou significam (atribuem signos e significados) ações e objetos".

Logo, o aparecimento da categoria espacial como representação e como realidade só tem sentido a partir da interação humana, que, por meio das ações desenvolvidas por suas práticas cotidianas, expressa em sua relação com os objetos e com o desenvolvimento de sua linguagem

(na construção de representações) a extensão dos limites de seu campo de ação, ampliando dessa maneira a discussão sobre a natureza espacial em seu intercâmbio com a realidade.

Para demonstrar a variedade das interpretações e definições existentes quando falamos em espaço, Fábio Duarte prossegue, alertando que:

"a busca pela definição de espaço em dicionários e enciclopédias pode ser tão labiríntica quanto elucidativa. Labiríntica pois, em enciclopédias gerais, o verbete espaço ramifica-se em subverbetes que nem sempre convergem a uma clarificação conceitual do termo – em certas enciclopédias como a Universalis, o próprio termo isolado não existe, detendo-se em especificidades disciplinares. Em enciclopédias especializadas é freqüente que sua explicação siga dois rumos: de um lado como em geografia, o termo é assumido como aberto a distintas interpretações, confundido com outros termos disciplinares (território, paisagem, lugar) e, no ensaio de defini-lo, cai-se em derivações, como espaço econômico, espaço vivido ou espaço geográfico; de outro lado, sobretudo em filosofia, o que se encontra é uma discussão das diferentes acepções atribuídas ao termo sintonizada com a história da disciplina. Mas a busca também é elucidativa justamente por apresentar a pluralidade das áreas de conhecimento nas quais o espaço tem importância fundamental; e assim, pelas visões por vezes díspares, tem-se consciência da polissemia do conceito".

A construção de um determinado contexto espacial e do que é produzido dentro dele é gerada a partir do que Fábio Duarte definirá como matrizes espaciais, sendo estas a

"organização de paradigmas de várias disciplinas que formam uma predisposição para a apreensão, compreensão e construção do mundo. Elas não são o seu modelo, a sua fôrma; são suas matrizes, que o constituem e são por eles constituídas".

Segundo essa definição, a essência da realidade e a da construção da noção espacial estarão intrinsecamente relacionadas, sendo impossível procurarmos nelas uma relação hierárquica

de causa e efeito, já que estes se processam continuamente entre esses dois pólos analisados.

Apesar de as diferenças de grau existentes na forma de percepção e no modo de aproximação das questões relativas ao espaço entre homens pré-históricos e homens contemporâneos serem absolutamente diversas, a construção do espaço como realidade vinculada a suas formas de representação permanece em essência, contendo as mesmas questões, já que elas são relativas à forma de construção do espaço (e, portanto, da realidade) pelas relações estabelecidas entre "seres humanos, objetos e ações".

A arte

Em um segundo texto utilizado como apoio didático em minha dissertação, ("Do ponto de vista à dimensionalidade", de Martin Grossman – revista *Item* nº 5), a reciprocidade entre realidade e representação a partir do espaço é desenvolvida pela análise defendida pelo autor, na relação estabelecida pelos artistas ao longo da história a partir de diferentes maneiras na construção da visualização e da compreensão espacial, analisadas em três momentos: o pré-modernista (que, segundo o autor, se definiria por ser essencialmente cientificista e mimético), o modernista (em que a arte adquire autonomia como linguagem) e o pós-modernista (quando volta a reinserir-se no espaço real).

A escolha do texto serviu como eco às idéias desenvolvidas por Fábio Duarte e para organizar algumas das idéias desenvolvidas em meu trabalho. Por encontrar-se voltado para a especificidade artística em sua abordagem e definição dos diferentes tipos de espaço em momentos históricos distintos, o texto reafirma, através dessas dinâmicas propostas por diferentes visões da realidade e por suas construções nas formas de representação observadas, a lógica de produção (tanto da realidade espacial como a de uma espacialidade real), seguindo os pressupostos do exercício contínuo das relações entre seres humanos,

objetos e ações, na criação de determinados contextos espaciais, conforme anteriormente observados em Lefébvre.

Já que a arte, historicamente, é uma das grandes responsáveis pela criação de representações e situações capazes de alterar nossa forma de percepção e relação com o espaço (paralelamente à ciência e à religião), sua prática reuniria as condições necessárias à abordagem de possíveis leituras sobre o espaço, questionando e expandindo suas formas de organização, seu *status*, sua definição, sua extensão e seus limites.

A pesquisa

O projeto de pesquisa desenvolvido em minha dissertação procura fazer um levantamento de algumas das questões pertinentes às possibilidades de relações estabelecidas entre realidade e representação, a partir de questões que dizem respeito à produção da visualização da realidade e dos esquemas visuais e conceituais adquiridos a partir de algumas convenções existentes em nossa crença na natureza real do espaço.

A produção trabalhada pretende revelar os limites da natureza espacial a partir das seguintes formas de abordagem:

1) *uma investigação sobre os limites físicos do espaço* – analisado a partir de sua possibilidade de mensuração real. Esses trabalhos estão reunidos sob a denominação genérica de procedimentos chamados "Desmetros", geralmente realizados com objetos utilizados para a medida e construção, tais como réguas, metros de construção, fitas métricas, etc. Em vez de extrair desses objetos a *quantificação* (finalidade para que foram inicialmente destinados), procuro a inversão de destinação de finalidade através da *qualificação* desses espaços, em configurações diversas, que possuem o mesmo "nome" da quantidade de metros envolvida (por exemplo, "12 metros"), mas apresentam áreas variáveis e diferentes das sugeridas pela medida, já que poderiam

estar organizados de forma a adquirir desde a configuração de sua área mínima (o tamanho de um desses "12 metros") até o limite de sua extensão máxima ("12 metros" lineares).

2) *uma investigação dos limites perceptivos do espaço* – essa série de trabalhos procura explorar as condições-limite da visualidade por meio de configurações ambíguas em suas diversas possibilidades como representações geométrico-formais e da extensão dos limites perceptivos dessas configurações em estruturas visualmente ambíguas, na extensão dos limites de suas categorias, utilizando qualidades formais tais como transparências, superposições, etc.

3) *uma investigação dos limites conceituais do espaço* – questionado a partir de sua destinação/normatização/inserção/finalidade, exploradas em ações que contextualizem e/ou tornem flagrantes os limites existentes entre as diferentes "regras" que regem a dimensão social do espaço.

O objetivo da pesquisa realizada durante o mestrado pretendeu revelar um fundo comum de reflexões críticas sobre a questão da relação entre o homem e o espaço, através desses contextos acessórios da abordagem espacial, que fossem além de seu aspecto físico ou ideal, exclusivamente. Através do corpo da obra apresentada, as questões levantadas vinculam-se aos problemas históricos, que tiveram sua origem a partir da consciência e da necessidade da conquista de um espaço autônomo (o da cultura e de suas representações), detonado pelas mais diversas áreas (científica, física, geográfica, social, econômica, artística, etc.), revelando as infinitas possibilidades de articulação da realidade.

Artista plástico, André Amaral é Mestre em Linguagens Visuais pela UFRJ. Recentemente foi premiado no 9º Salão da Bahia (2002) com a videoinstalação *Uroboros*. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Este artigo é um resumo da dissertação de mestrado na linha de pesquisa de Estudos e Experimentações da Arte Contemporânea, defendida em 2003, sob a orientação do Prof. Dr. Milton Machado.

